

Múltiplas linguagens x habilidades comunicativas: o ensino de língua estrangeira no ambiente escolar

Multiple languages x communicative abilities: the teaching of foreign language at school

Emilene Corrêa Souza ¹

Resumo: Este trabalho teve como objetivo teorizar sobre o significado de *múltiplas linguagens e habilidades comunicativas*, com base em Howard Gardner, Roman Jakobson, Luis Carlos Cagliari, bem como nos PCNs (*Parâmetros Curriculares Nacionais*). Também se demonstram os resultados obtidos a partir de questionários e entrevistas com alunos e professores de língua estrangeira, em especial Língua Inglesa no Ensino Fundamental e Língua Espanhola no Ensino Médio.

Palavras-chave: Múltiplas Linguagens. Habilidades Comunicativas. Línguas Estrangeiras.

Abstract: The objective of this paper is to theorize about the meaning of the *multiple languages* and the *communicative abilities*, based on Howard Gardner, Roman Jakobson, Luis Carlos Cagliari, as well as on the PCNs (National Curriculum Parameters). This paper also presents the results collected from questionnaires and interviews with foreign language students and teachers, especially of English in Basic Education and of Spanish in High School.

Keywords: Multiple Languages. Communicative Abilities. Foreign Languages.

Este trabalho é a compilação dos resultados de duas pesquisas qualitativas, exploratórias e descritivas realizadas sobre o tema *as múltiplas linguagens e as habilidades comunicativas*, pesquisas estas realizadas em meus dois Trabalhos de Conclusão de Curso - nas habilitações em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas e Letras Português/Espanhol e respectivas Literaturas, um em 2009 e outro em 2011. Baseada em pesquisas já realizadas sobre o tema, procurou-se encontrar suporte teórico para estabelecer a relação existente entre as múltiplas linguagens e as habilidades comunicativas, bem como analisar propostas pedagógicas já existentes.

¹ É graduada em Letras – Português/Espanhol e respectivas literaturas (2012) e em Letras – Português/Inglês e respectivas literaturas (2009) pelo UNILASALLE Canoas/RS, e mestranda em Letras, especialidade Literaturas Portuguesa e Luso-africanas pela UFRGS. E-mail: <emilenecs@yahoo.com.br>

A realização deste trabalho teve como objetivo trazer à tona a importância que as múltiplas línguas têm para o desenvolvimento das habilidades comunicativas em ambiente escolar. Dessa forma, foi realizada a coleta de informações por meio de questionários com alunos de uma escola pública e outra particular, da cidade de Canoas/RS, e entrevistas diretas com professores de língua estrangeira de outras escolas da região metropolitana de Porto Alegre, com o objetivo de observar como as habilidades comunicativas são utilizadas nas aulas de língua estrangeira (em especial em Língua Inglesa no Ensino Fundamental e Língua Espanhola no Ensino Médio), o quanto os alunos gostam do idioma, quais as atividades preferidas pelos alunos e quais são as atividades que os professores mais utilizam em sala de aula.

Linguagem

Para que se defina o que é linguagem, deve-se esclarecer o significado da palavra língua, da qual essa deriva. A língua é um conjunto de elementos que representam a fala, formada por um sistema de sons vocais de uma comunidade que a usa para se comunicar. Por isso, diz-se que a língua é também uma nomenclatura, pois constitui um sistema e sofre influência de todos os indivíduos.

Estudos baseados em linguistas como Chomsky (1977) e Saussure (2006) nos mostram que a língua é uma unidade linguística dupla, constituída da união da natureza vocal (fala) e psíquica (pensamento) de cada falante. Sendo assim, toda língua viva é sujeita à mudança. A língua muda tanto interna quanto externamente no decorrer do tempo, pois é universal, contínua, (nunca para) e regular (com regras que a estabelecem).

Para Travaglia (2001, p. 21-23), há três concepções importantes de linguagem quanto à educação: “[...] a linguagem como expressão do pensamento [...], a linguagem como instrumento de comunicação, como meio de objetivo para a comunicação, e [...] a linguagem como forma ou processo de interação”. Assim, entende-se que a linguagem é a maneira peculiar de se expressar. Ela é a utilização da língua em qualquer que seja a atividade comunicativa do ser humano, em que uma mensagem precisa ser transmitida a um receptor, a partir de algum meio que liga o que é transmitido com o que é entendido.

Estudos linguísticos sobre a aquisição da linguagem apresentam pelo menos duas explicações: a teoria cognitivista de Piaget e a interacionista de Vygotsky. Esses dois teóricos afirmam que “o cognitivismo, representado por Piaget, propõe que a criança constrói seu conhecimento por meio da experiência com o mundo físico e que nesse conhecimento se desenvolve por estágio admitindo o egocentrismo da criança [...]” (ANDRADE, 2008, p. 2). Em contraponto a essa teoria, apresentam-se estudos em Vygotsky quanto ao interacionismo, ou seja, teoria esta baseada na interação:

a aquisição da linguagem é um fenômeno que se repete em cada ser. Na convivência com a família, o bebê recebe a transmissão de uma língua, junto com as normas, tradições e costumes da comunidade, do contexto em que está inserido. [...] o conhecimento é adquirido nas relações entre as pessoas, através da linguagem e da interação social (EBERT, 2008).

Funções e tipos de linguagem

Em 1960, Roman Jakobson, linguista russo, sintetizou os variados empregos da linguagem em seis funções, a partir das suas finalidades básicas na expressão e no processo comunicativo. Segundo o referido autor,

o REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem”); e finalmente, um CONTATO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação (1999, p. 123).

A partir desses seis empregos principais na comunicação (remetente, mensagem, destinatário, contexto, código e contato), Jakobson denominou-os como funções, que são elas: a) referencial: possui função denotativa, pois a interação entre remetente e destinatário se dá de forma objetiva num determinado contexto; b) emotiva: destaca-se o remetente (a emoção), aquele que transmite certa mensagem em um determinado contexto a um destinatário; c) conotativa: destaca-se o destinatário ou receptor da mensagem em determinado contexto, com a intenção do remetente de convencê-lo a algo; d) fática: é o contato mantido na comunicação por mais tempo entre remetente e destinatário; e) metalinguística: destaca-se o código utilizado entre remetente e destinatário por meio do contato; e f) poética: é a forma como a mensagem é transmitida do remetente ao destinatário.

Existem dois tipos de linguagem que são usados na comunicação: a verbal e a não verbal. A linguagem verbal possui sentido real e pode ser denotativa ou conotativa, pois exige o uso de palavras, durante a comunicação, podendo ser usada por todos os membros de uma sociedade; é a realidade objetiva com linguagem científica e função representativa. A linguagem verbal divide-se em escrita e oral. A linguagem não verbal possui sentido figurado e admite livre interpretação por todos os membros de uma sociedade; é conotativa. Essa linguagem não exige o uso de palavra, já que a informação é codificada pela comunicação a partir da simbologia com uso de códigos; é a realidade subjetiva com linguagem literária e função expressiva. Apresentam-se como formas de linguagem não verbal, a linguagem corporal e a linguagem visual.

Dependendo do caso em que acontece a comunicação, esses dois tipos de linguagem podem aparecer separados ou juntos. Quando juntos, serão chamados de linguagem verbal e não verbal (ou linguagem mista). Nessa linguagem utilizam-se tanto elementos da linguagem verbal quanto da não verbal; por isso é chamada de mista. Nessa categoria, destaca-se a linguagem musical, a linguagem cinematográfica e televisiva e a linguagem teatral.

Inteligências múltiplas

Um ser inteligente é aquele que possui facilidade ao abranger como um todo o sentido das coisas a que lhe são apresentadas. Pode-se caracterizar a inteligência como a capacidade mental dos indivíduos. Um exemplo disso é a habilidade para aprendizagem e o fato de poder compreender ideias e linguagens.

Em *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*, de Howard Gardner (1995), pode-se verificar que

o sistema nervoso é diferenciado e possui diferentes centros neurais de tipos de informação. Nessa obra, verifica-se que cada indivíduo possui sete áreas independentes intelectuais de atuação – essas chamadas de as *sete inteligências* –, contendo inteligência hábil de resolver problemas significativos em ambiente cultural, são elas: inteligência musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal, intrapessoal. Em *Sobre as várias inteligências* (1997) Gardner acrescenta a existência de mais duas inteligências à sua teoria original: a naturalista e a existencial.

Quanto ao desenvolvimento das inteligências, todo indivíduo possui certas habilidades básicas em todas as inteligências, sendo elas determinadas por fatores tanto genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais. Cada inteligência tem sua forma própria de pensamento além de seu sistema simbólico; esses estabelecem o contato entre os aspectos básicos da cognição e a variedade de papéis e funções culturais.

Gardner afirma que sua teoria teve consequências na educação, defendendo que essa desempenha “um papel crucial no desenvolvimento dos currículos escolares” (1995, p. 30) e justifica que “não é possível falar coerentemente sobre as ideias das *inteligências múltiplas* em sala de aula sem que se adote uma posição quanto ao que deve ser ensinado e por quê” (2001, p. 192). Por isso a importância de estudá-las e de, a partir delas, criar mecanismos de ensino e aprendizagem que busquem abranger as inteligências de cada aluno, possibilitando uma educação de alcance a todos.

Múltiplas linguagens

Entende-se por linguagem toda e qualquer forma de comunicação que o homem criou ao longo dos tempos. Conforme já visto, além da linguagem verbal (oral ou escrita) e da não verbal (corporal ou visual), há também a linguagem que é verbal e não-verbal (ao mesmo tempo), chamada de linguagem mista, empregada, como, por exemplo, no teatro, na televisão e no cinema, que, respectivamente, são visuais, sonoras e cinestésicas. Essas envolvem os cinco sentidos: a visão, a fala, a audição, o movimento (tato) e o paladar no ato comunicativo.

Analisando a representação a seguir, pode-se afirmar que as linguagens utilizadas na comunicação e suas funções têm relação direta com as *Inteligências múltiplas* da teoria de Gardner. Ao retomar teorias sobre a aquisição da linguagem, como as de Piaget e Vygotsky, pode-se apontar que na comunicação toda pessoa desenvolve as inteligências interpessoal e intrapessoal, uma vez que no primeiro processo todas as funções da linguagem se reúnem.

	RELAÇÃO	
INTELIGÊNCIAS	X	MÚLTIPLAS LINGUAGENS
Inteligência musical	↔	Linguagem musical
Inteligência <u>corporal-cinestésica</u>	↔	Linguagem corporal
<u>Inteligência lógico-matemática</u>	↔	Linguagem verbal Linguagem visual Função denotativa da linguagem
Inteligência linguística	↔	Linguagem verbal
Inteligência espacial	↔	Linguagem visual
Inteligência Interpessoal	↔	Uso de todas as funções da linguagem na comunicação
Inteligência Intrapessoal	↔	Linguagem verbal Linguagem musical Linguagem corporal Função emotiva da linguagem
Inteligência naturalista	↔	Linguagem corporal Linguagem visual
Inteligência existencial	↔	Função emotiva da linguagem

Relação entre as Inteligências múltiplas e as Múltiplas linguagens

Fonte: Autoria própria, 2009.

A partir da teoria de Gardner, pode-se verificar que cada pessoa é única, tendo entre as sete inteligências, denominadas por ele, uma ou mais de uma que se sobressai. Portanto, não se deve ignorar pessoas com algum tipo de dificuldade para a comunicação, mas incentivá-las a trabalhar as limitações que se apresentem durante o processo de aprendizagem. Um exemplo disso é Beethoven, autor da *Nona sinfonia*, considerado um dos melhores compositores de música clássica, deficiente auditivo, que compunha a partir de vibrações em seu piano.

Devido à inclusão de deficientes físicos, visuais, auditivos, entre outros em sala de aula, passou-se a dar mais importância ao que essas pessoas poderiam realizar dentro de suas limitações. Dessa forma, com o intuito de aproximar pessoas deficientes às diferentes linguagens existentes e com o crescente uso da tecnologia na comunicação foi criado o chamado *Hipertexto* capaz de conter livros informatizados, em ambiente virtual e emprega diversas técnicas que colaboram para a inclusão digital. Com a utilização desse recurso, bem como o uso de imagens e sons, essas pessoas são inseridas num mesmo espaço que outras e passam a ter a mesma flexibilidade, de interagir com o mundo de forma mais dinâmica. Estudos mostram que, nos últimos tempos, há uma crescente preocupação para com a inclusão social de pessoas com diferentes inteligências, sejam deficientes ou não, por isso o incentivo às *Múltiplas linguagens*, especialmente na educação.

Em *Múltiplas linguagens na escola*, organizado por Regina Leite Garcia, publicado em 2000, constam sete artigos que abordam questões sobre música, fotografia, poesia, folclore, artes visuais e cênicas, que contribuem para a formação de educadores que objetivam aulas significativas aos seus alunos. Baseada em pensadores como Freud, Einstein, Bakhtin, entre outros - a autora salienta que na educação deve ser observada a *arte como conhecimento*, ligando teoria (que significa *ver*) com prática, de forma que seja explorada a imaginação e a sensibilidade dos alunos, tendo em vista a diversidade de pensamento e de linguagem entre eles.

Assim, compreende-se por *Múltiplas linguagens* todo e qualquer tipo de manifestação comunicativa que envolva algum tipo de linguagem e inteligência. Por isso, defende-se que, ao desenvolver atividades como brincadeiras utilizando diferentes recursos de aprendizagem em sala de aula, não só os alunos aprenderão com mais facilidade, como terão visões diferentes de mundo.

Habilidades comunicativas

Por *habilidades comunicativas* considera-se as distintas capacidades que se tem para a comunicação. Cabe salientar que comunicação significa a transmissão de pensamento num dado conjunto de formas ou meios em que o remetente de determinada mensagem se faz entendido pelo destinatário, a partir de uma produção comunicativa.

Assim como as formas de comunicação, outro fator decisivo que deve existir é a compreensão, pois não basta apenas haver interação entre remetente e destinatário numa dada mensagem, uma vez que a comunicação só passa a existir quando há entendimento denotativo entre as duas partes.

Nesse sentido, “se de um lado do jogo interacional de construir significados estão as habilidades comunicativas de compreensão, do outro estão as habilidades de produção escrita e oral” (BRASIL, 1998, p. 96 e 97) que se tem na comunicação. Desse modo, entende-se por produção a combinação das inteligências que o ser humano possui, sendo elas expressas a partir das múltiplas linguagens e de seus fatores linguísticos, como a fala e ou a escrita, apresentando “presença ou ausência do interlocutor” (BRASIL, 1998, p. 97). A seguir, explicitam-se as quatro habilidades comunicativas, de produção (oral e escrita) e compreensão (oral e escrita).

A produção oral ou a *fala* se faz por meio da imagem acústica e uso individual da língua. É o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender, individualmente, durante a comunicação. Em outras palavras, é o exercício da interação social. Vale salientar aqui que esta não é contínua, mas é homogênea e linear, por isso existem processos metacognitivos.

Com relação às línguas estrangeiras, a produção oral se dá de maneira um pouco diferente da produção oral em língua materna. Enquanto uma criança convive diariamente com pessoas que falam sua língua materna, ela irá desenvolver a fala desta língua naturalmente, desde que esteja em ambiente propício para a aprendizagem. Porém, para que uma criança aprenda a se comunicar em uma língua estrangeira é necessário que ela seja regularmente exposta a essa língua, o que, no Brasil, normalmente acaba ocorrendo na escola ou nos cursos livres de idiomas. Nesse ambiente de instrução tradicional, o tempo para a aprendizagem se reduz a duas ou três horas semanais; o contato com falantes nativos ou proficientes na língua

estrangeira se dá normalmente através do professor e os alunos convivem com um número limitado de discursos linguísticos. Essas e várias outras questões fazem com que o desenvolvimento da produção oral em língua estrangeira seja um processo mais lento do que na língua materna.

A compreensão oral ou a *audição* é o ato de estar atento ao que é dito ao destinatário pelo remetente de uma dada mensagem e entender essa informação transmitida. É a realização interacional (imediata e social) na qual pode haver intervenção direta do destinatário (ouvinte). Muitas vezes a presença de gestos colabora para esta compreensão. É a primeira habilidade que o ser humano normal desenvolve, até antes de seu nascimento.

Quando o aluno faz uso da compreensão oral em língua estrangeira ele tem que relacionar o que ouve com o que ele já sabe sobre o assunto. É por isso que ouvir é tão complexo. E, embora se dedique de 40 a 50% do tempo ouvindo, a qualidade da compreensão oral depende muito da familiaridade com o assunto (processo *top-down* – de cima para baixo), da interação com o falante e do conhecimento linguístico do aluno (processo *bottom-up* – de baixo para cima). Se o aluno conhece o contexto do assunto que está sendo tratado, a compreensão da mensagem é facilitada. Quanto mais o professor de língua estrangeira aumentar a consciência do aluno quanto aos processos auditivos, mais os alunos desenvolverão seu conhecimento metacognitivo essencial à compreensão oral.

Em consequência da globalização dos dias de hoje, um estudante pode estar em contato com tantos idiomas quanto desejar; com diferentes pessoas no mundo todo a partir da *Internet*. Outro exemplo disso são as músicas que tocam em rádios e os vídeo-clipes que aparecem na televisão, em canais abertos, pois para compreender esses clipes é importante que se possam visualizar imagens referentes ao que é dito.

A produção escrita ou *escrever* é a interação sem presença de um interlocutor. Em outras palavras, escrever é o ato de se comunicar a partir do texto, contendo uma mensagem a ser transmitida ao leitor, não sendo necessária a produção oral.

A escrita, seja qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, artística e cultural. A invenção do livro e sobretudo da imprensa são grandes marcos da História da humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o do público em geral e seu consumo é mais significativo na forma de leitura do que na produção de textos. Os jornais e revistas são hoje tão comuns quanto à comida. Para a maioria das pessoas, além de aprender a andar e falar, é comum aprender a ler e a escrever (CAGLIARI, 1997, p. 112).

A compreensão escrita ou a *leitura* é ler e estar atento ao que se está lendo, de forma que se possa realizar interpretação do texto escrito. Segundo Cagliari, “é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala” (1997, p. 103), por isso, na compreensão escrita há ausência de interlocutor, mas apresenta marcas interacionais no discurso.

Desse modo, em aulas de língua, tanto materna, quanto estrangeira, é importante que se proponha a leitura e escrita de textos significativos, que condizem com o cotidiano dos alunos. Sendo a infância a etapa que se faz mais necessário o incentivo da leitura, compreende-se que essa experiência deve ser trazida de casa, porém, em muitos casos, ela só é adquirida na escola. Por isso, o professor, seja qual for sua área de ensino, deve motivar os alunos a ler, a fim de que expressem suas compreensões de leitura na escrita com êxito de forma significativa, pois só assim o hábito de ler e escrever se tornaria prazeroso. Também é na infância que a forma de como solicitar que os alunos realizem a leitura e a escrita pode influenciá-los

no futuro, fazendo com que muitos alunos passem a gostar ou não dessas atividades.

Segundo os PCNs, “é necessário que o professor escolha o texto a ser usado para, a seguir, estabelecer um propósito para leitura. [...] É útil pensar sobre o trabalho em fases que podem ser chamadas de pré-leitura, leitura e pós-leitura” (1998, p. 91). Entende-se por essas três fases, respectivamente, a preparação para a leitura, ou seja, a leitura individual com o objetivo de decodificar palavras-chave do texto; a leitura propriamente dita, incluindo uma nova leitura individual e uma coletiva; e, por fim, a interpretação do que foi lido, para fins de exercícios como, por exemplo, a produção textual.

Em complemento a isso, Ana Maria da Silva *et al* (2006, p. 3), no artigo “Leitura e pré-leitura na sala de aula do Ensino Fundamental”, aponta que:

É necessário, no entanto, que, antes de fazer a leitura propriamente dita, o professor explique de uma forma geral sobre o tema do texto; chame atenção do aluno para certos aspectos do texto, tais como: figuras, título, gênero textual...; incentive os alunos a falarem o que já sabem, por meio de questões que busquem informações à cerca da vida cotidiana.

Assim, conclui-se que a utilização das quatro habilidades comunicativas, por meio das múltiplas linguagens, torna a aprendizagem uma experiência significativa ao inseri-las num contexto social, pois “para uma educação de qualidade e de resultados é inegável a importância da comunicação. Somos seres de linguagem e, por isso, uma comunidade é educativa se for comunicativa” (MEURER, 2009, p. 54). Dessa forma, é importante acrescentar que os PCNs de Línguas Estrangeiras indicam que os professores desenvolvam a partir da leitura as demais habilidades, seguindo um eixo temático, para que os alunos interajam com o meio em que estão inseridos. Embora muitos professores foquem mais a leitura em sala de aula, acredita-se que nada os impede de usar as demais habilidades. A partir disso, entende-se que é pela compreensão escrita que uma pessoa aprimora suas demais habilidades comunicativas, ou seja, o incentivo à leitura é primordial para que uma pessoa tenha sucesso no desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas.

As aulas de Língua estrangeira nas escolas entrevistadas

Nas seções anteriores, foram ilustrados os significados de *Múltiplas linguagens* e *Habilidades comunicativas*, a partir da coleta de informações por meio de pesquisa exploratória e descritiva. Para que fosse possível confirmar as hipóteses que nortearam o projeto do presente trabalho, nesta seção analisam-se os resultados obtidos com a coleta de dados a partir de questionários aplicados uma escola pública e outra particular. A respeito das aulas de Língua Inglesa, aplicou-se o mesmo questionário com alunos de Ensino Fundamental em uma escola pública e outra particular. Nas aulas de Língua Espanhola, foi possível aplicar questionário similar apenas em escola pública, sendo realizada breve entrevista com alguns alunos de Ensino Médio dessa mesma escola e professores atuantes em escolas públicas e/ou particulares. Dessa forma, foram elaborados dois questionários – um para os alunos e outro para os professores – quanto ao uso das *múltiplas linguagens* em sala de aula, para verificar se as quatro *habilidades comunicativas* – ler, escrever, ouvir e falar – são trabalhadas nas aulas de língua estrangeira.

Primeiramente, foram agendadas as melhores datas e horários para visita e respondidos os questionários nessas escolas e antes de sua aplicação foi assinado pelos participantes um termo de consentimento,

para que os dados coletados pudessem ser analisados e os resultados divulgados no presente trabalho. Salienta-se que a aplicação desses questionários ocorreu em 2009 (sobre as aulas de Língua Inglesa) e em 2011 (sobre as aulas de Língua espanhola) e que, por isso, é possível que atualmente as constatações que se busca expor neste trabalho sejam diferentes, mas não muito distantes da realidade atual. Participaram da pesquisa 104 alunos (42 meninas e 62 meninos) do Ensino Fundamental e 157 alunos (86 meninas e 71 meninos) do Ensino Médio, sendo entrevistados dois professores de Língua Inglesa e quatro professores de Língua Espanhola. A seguir, serão apresentados parte dos dados coletados durante a aplicação dos questionários nas escolas, como faixa etária, sexo, série dos alunos e, principalmente, o interesse dos alunos por essas duas línguas estrangeiras.

Quanto às aulas de Língua Inglesa

Para facilitar a análise dos resultados obtidos com a aplicação dos questionários nas escolas, realizou-se, inicialmente, a soma das respostas dos alunos, dividindo-as por sexo e série.

Quanto à faixa etária das turmas, observou-se que há uma grande diferença de idade entre os alunos em cada série. Por exemplo, a idade mínima para a 5ª série nas escolas entrevistadas é 10 anos; porém, há alunos com até 16 anos estudando numa mesma turma. Isso mostra que há um número considerável de repetentes no Ensino Fundamental não só na 5ª série, mas nas quatro séries de ensino em que foram aplicados os questionários. É importante ressaltar também que não é comum em escola particular haver esse tipo de situação, como a de alunos com 17 anos na 7ª série. Porém, na escola particular entrevistada isso é possível, visto que os alunos repetentes podem cursar a série seguinte e realizar a dependência das disciplinas reprovadas na série anterior.

Um dos motivos dessa diferença intui-se que possa ser o fato de o professor falar muito mais em Língua Inglesa na escola particular que o professor da escola pública. Comparando essa informação, pode-se pensar que, devido ao fato de o professor falar pouco em inglês nas aulas da escola pública, os alunos gostam menos das aulas de Língua Inglesa do que os alunos da escola particular por acharem que é difícil entendê-la ou por não se sentirem atraídos pela aula, já que a maior parte do tempo a Língua Portuguesa é usada na comunicação entre professor e aluno.

Segundo as respostas dos alunos quanto às atividades propostas pelo professor nas aulas de Língua Inglesa, observou-se que, entre todas essas atividades, os exercícios gramaticais ainda predominam, ficando em primeiro lugar entre as cinco atividades mais solicitadas. Em segundo e terceiro lugares, são trabalhadas músicas e leitura de textos. Nota-se que há grande diferença entre as escolas pesquisadas quanto à produção textual, sendo esta trabalhada mais na escola pública do que na particular. Por fim, tem-se a prática de diálogos, que divide o quarto lugar com a produção textual; desta vez, essa atividade é mais trabalhada na escola particular do que na pública.

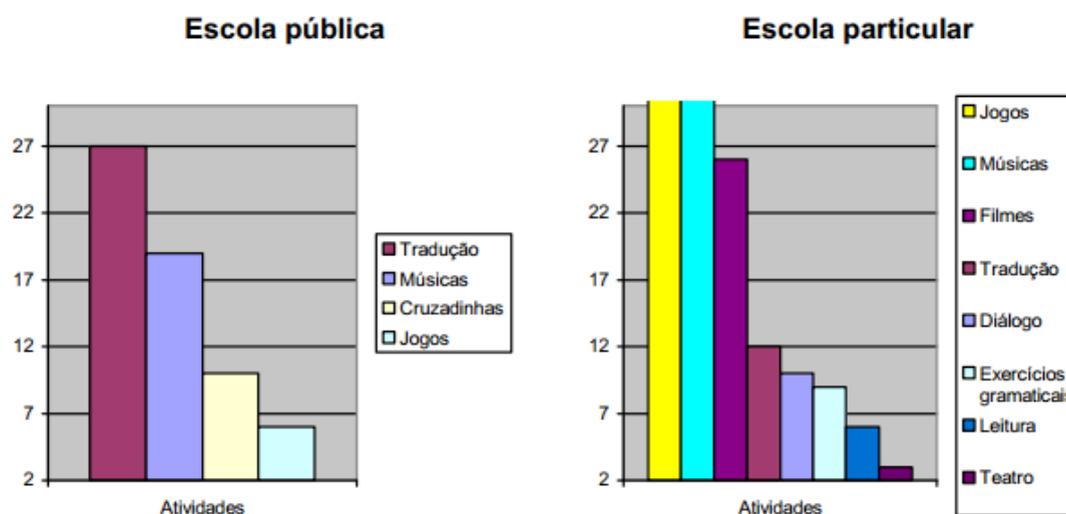
Salienta-se que tendo observado a infraestrutura das escolas pesquisadas, a escola particular possui variados recursos didáticos e tecnológicos, como laboratório de informática, laboratório de idiomas, CD player, televisão, DVD player, retroprojetor, Data show e fotocopiadora, que tornam o trabalho do professor de inglês mais dinâmico, enquanto que a escola pública possui apenas CD player e fotocopiadora. Em consequência disso, os alunos dessa escola deixam de desenvolver a aprendizagem do inglês com dife-

rentes tipos de atividades e de variadas formas (como, por exemplo, assistir filmes ou clipes), o que pode comprometer o desenvolvimento satisfatório das múltiplas linguagens.

Segundo Gardner (2005, p. 142) é “[...] inadequado abordar cada tópico apenas de uma maneira. [...] Além disso, se podemos apresentar um assunto de várias maneiras [por que não o fazer?]”. Assim, se o professor abordar um tema de diferentes formas, talvez consiga envolver mais os seus alunos no processo de aprendizagem da Língua Inglesa, já que os estudantes aprendem de diferentes maneiras. Um exemplo prático foi constatado na escola particular pesquisada onde, por exemplo, são realizadas atividades teatrais em língua estrangeira com os alunos do ensino médio.

Quanto às atividades que os estudantes gostam de realizar para aprender a Língua Inglesa, percebe-se que os alunos da escola particular gostam de diversas atividades, como jogos, músicas, filmes, traduções, diálogos, exercícios gramaticais, leitura de textos e apresentações de teatro; enquanto que alunos da escola pública gostam de aprender inglês através de tradução, músicas, cruzadinhas e jogos. Comparando as respostas de ambas as escolas que participaram desta pesquisa, pode-se afirmar que as atividades que os alunos de ambas as escolas mais gostam são tradução, músicas e jogos. Dessa forma, acredita-se que as diferenças encontradas nas respostas dos alunos de escola particular são fruto das aulas que eles têm na escola e que alunos de escola pública não citaram outras atividades, como filmes, diálogos, leitura e teatro, provavelmente, por não terem tido a oportunidade de praticá-las no decorrer de sua formação escolar no Ensino Fundamental.

Outra observação significativa é que os alunos tiveram a liberdade de responder à pergunta *Qual a atividade que você mais gosta de fazer para aprender Inglês?*, apresentada no final do questionário aplicado, podendo escrever livremente quantas e quaisquer respostas desejassem. O objetivo de apresentar esta pergunta era verificar se a preferência de atividades para aprender inglês por parte dos alunos combinava com as atividades trabalhadas pelo seu professor. Os professores das escolas entrevistadas também responderam a uma pergunta semelhante, “*Em sua opinião, quais as atividades que os seus alunos mais gostam de realizar para aprender a Língua Inglesa?*”. Verificou-se que os alunos da escola pública preferem atividades como músicas e tradução de textos, enquanto que, os alunos da escola particular gostam de aprender mais por meio de jogos. Comparando as respostas dos professores com as dos alunos, os professores estão em sintonia com os seus alunos, o que demonstra que estão conscientes das preferências de seus estudantes.



Atividades que os alunos mais gostam de realizar
 Fonte: Autoria própria, 2009.

Comparando os resultados adquiridos com a aplicação e a análise dos questionários dos alunos de escola pública e particular e o questionário dos respectivos professores quanto ao uso das *habilidades comunicativas* para o desenvolvimento das *múltiplas linguagens* no ensino de Língua Inglesa, conforme gráfico anterior, concluiu-se que as hipóteses deste trabalho corroboram. Ressalta-se que os alunos das duas escolas entrevistadas não passaram por nenhum tipo de teste específico que abrangesse as quatro *habilidades comunicativas* para mostrar suas dificuldades.

Entretanto, levando em consideração as respostas negativas apresentadas nos questionários quanto ao que os alunos não realizam em aula, em contraste com as atividades que gostam de realizar para aprender inglês, pode-se acreditar que os alunos não desenvolvem plenamente todas as quatro habilidades ao aprender a Língua Inglesa no Ensino Fundamental. Dessa forma, as aulas de Língua Inglesa tendem a não colaborar de maneira eficiente para a aprendizagem dos alunos. Duas foram as hipóteses consideradas neste panorama:

- 1) as aulas de Língua Inglesa no Ensino Fundamental podem acarretar barreiras de comunicação no futuro dos alunos, por não estarem exercitando as múltiplas linguagens o suficiente.
- 2) as aulas de Língua Inglesa do Ensino Fundamental das escolas que participaram desta pesquisa, atualmente, não contribuem o suficiente para o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas da forma em que são desenvolvidas.

Quanto às aulas de Língua Espanhola

Observou-se que há uma grande semelhança de idade entre os alunos dos três anos do Ensino Médio. Por exemplo, para as meninas a idade mínima no 1º e no 2º ano é 14, e no 3º ano 15; a idade máxima no 1º ano é 18, e no 2º e no 3º ano é 19. Já para os meninos a idade mínima é de 15 nos três anos, e a idade máxima no 1º e no 2º é 18, e no 3º 17. Esse comparativo demonstra que há um número considerável de repetentes no Ensino Médio não só no 1º, mas nos 2º e 3º anos também.

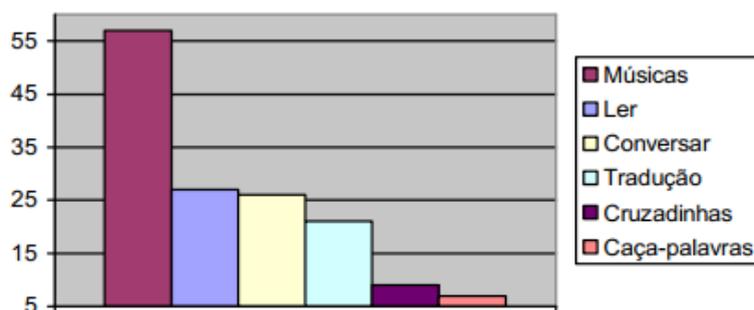
Foi possível verificar que, quanto ao gosto pela Língua Espanhola, de 157 alunos 80 gostam um pouco de espanhol e 55 gostam muito. Quanto ao gosto pelas aulas de Língua Espanhola, 105 gostam muito e 95 gostam um pouco. É possível afirmar que há poucos alunos que não se interessam pela Língua Espanhola, um número de 10 a 15 alunos. Isso demonstra que é possível fazer com que os alunos que gostam um pouco se interessem mais pelas aulas e por aprender a língua, o que mostra que a abordagem em sala de aula é fundamental para promover a motivação dos alunos na prática das quatro habilidades.

Outro fato importante a ser destacado é de a professora falar pouco em espanhol nas aulas. A partir dessa informação, é possível pensar que isso pode fazer com que os alunos que gostam pouco da língua e das aulas possam simplesmente perder o interesse, passando a não gostar da língua. Dessa forma, seria de extrema importância que a professora começasse a se comunicar mais na língua, mesmo que os alunos não entendessem tudo, a fim de que se sentissem motivados a comunicar-se em língua estrangeira.

Segundo as respostas dos alunos quanto às atividades propostas pelo professor, nota-se que a professora oferece quase sempre o mesmo tipo de exercício lúdico nas aulas de Língua Espanhola - as cruzadinhas - e com menos frequência caça-palavras, não propondo nenhum outro tipo de jogo que desperte mais o interesse dos alunos. Observa-se, também, que entre todas as atividades possíveis a serem propostas predomina sempre os mesmos tipos de atividades: a tradução, a música e a leitura de textos. Produção textual, exercícios gramaticais e prática de diálogo são trabalhados, mas em menor proporção comparados às atividades citadas anteriormente. Salienta-se que a prática de diálogo é uma atividade muito importante para o ensino de língua estrangeira, porém, de acordo com o que foi apurado com as respostas dos alunos, tal prática não se faz presente em sala de aula, o que compromete o ensino da língua por não trabalhar uma das quatro habilidades comunicativas.

Percebe-se que, embora essa escola pública não possua variados recursos digitais, como laboratório de idiomas e de informática, a professora trabalha com músicas, que é uma das preferências entre os alunos entrevistados e uma das atividades menos tradicionais aplicadas pela professora. Sendo assim, com o apoio de um CD player, o professor também poderia utilizar diálogos gravados como exemplo para a prática da oralidade pelos alunos.

Outro dado coletado importante é a resposta dada pelos alunos à pergunta *Qual a atividade que você mais gosta de fazer para aprender espanhol?*. Muitos estudantes afirmaram que gostam de assistir a filmes, ler livros e histórias em quadrinhos, jogar, praticar diálogos e realizar teatro, atividades estas pouco ou nunca trabalhadas em sala de aula. Ressalta-se que essas também são atividades possíveis de se realizar em aula, pois não necessitam de muitos recursos, cabendo à professora apenas organizar essas atividades de forma que possam ser trabalhadas ao longo do ano letivo.



Atividades que os alunos mais gostam de realizar

Fonte: Autoria própria, 2011.

A partir da análise dos questionários aplicados na escola e do gráfico anterior, pode-se concluir que a professora não utiliza as quatro habilidades comunicativas para desempenhar seu papel como educadora de língua estrangeira, pois não foi apontada em nenhum momento uma constância no incentivo a essas habilidades dos alunos em sala de aula. Também não se observou nenhuma iniciativa por parte da professora de compreender as múltiplas inteligências dos alunos e investigar quais delas surtiriam mais efeito em sala de aula.

Analisando as respostas dos alunos entrevistados, se presume que quanto à importância do espanhol, ficou claro que os alunos não dão muita importância à língua estrangeira no presente momento, porém afirmam ser um idioma importante para o futuro. Dessa forma, acreditam que o ensino de espanhol contribui para uma comunicação com pessoas de outros lugares, além de ser um ponto favorável para o mercado de trabalho. Comentam gostar da pronúncia e do diálogo da língua, mas acreditam que o espanhol não fará parte de seu futuro, apenas em viagens e livros; consideram-na uma língua difícil e afirmam utilizá-la apenas na escola, embora seja um importante meio de comunicação. Entre o espanhol e o inglês os entrevistados preferem e acreditam ser mais importante o inglês por ser a língua mais falada no mundo e afirmam que não leem, nem assistem a filmes em espanhol. O único contato musical que possuem é através das músicas da cantora Shakira. Não costumam falar em espanhol, apenas quando solicitado em aula. Comparam o espanhol e o português devido às suas semelhanças na escrita e na fala. Sentem falta da prática de diálogos em sala de aula e acreditam que esse fator é fundamental para a aprendizagem. Mesmo sendo uma língua importante para a comunicação com povos de outros países afirmam que a aula deveria ser mais motivadora e acreditam que o espanhol ensinado em cursos livres é mais proveitoso que o ensinado na escola.

Quanto às respostas dos professores entrevistados, é possível identificar interesses em comum com relação ao ensino de espanhol, visto que todos buscam promover a língua entre os alunos para fins de educação e conhecimento, através de elementos atrativos no uso da língua para motivá-los. Ressaltam a importância do incentivo às múltiplas linguagens em sala de aula e da utilização de recursos eletrônicos como positivos à aprendizagem. Embora, normalmente, nas escolas públicas não haja os mesmos recursos da particular, fica claro nas respostas obtidas que, independentemente do recurso, não há impedimentos para se ministrar uma aula inovadora, buscando interagir com os alunos e motivá-los a aprender a língua. Outro ponto a ser analisado que pode tornar o ensino insatisfatório é o desinteresse dos alunos para aprender, a partir das respostas é possível afirmar que um aluno interessado pode sim aprender, desde que esteja disponível para isso. Desse modo, tanto a escola como o aluno devem buscar motivação para a aprendizagem, a primeira disponibilizando ao professor recursos para que este consiga mostrar aos alunos que aprender uma língua estrangeira é importante, e o segundo dando significado a essa nova aprendizagem. Em um primeiro momento dizem que a fala, assim como na língua materna, é a primeira habilidade a ser trabalhada, e que, por isso, é importante começar por ela para depois avançar com a escrita, e só depois reuni-las. Ressaltam que o ensino de inglês e espanhol deve ser incentivado na mesma proporção, visto que ambas as línguas são importantes para a comunicação, e comentam ser o espanhol mais fácil de entendimento por se aproximar do português e possuir um vocabulário mais acessível.

Comparando a análise das respostas dos dois grupos supracitados, é possível afirmar que uma das hipóteses que originaram este trabalho foi confirmada.

- *As aulas de Língua Espanhola no Ensino Médio, da forma em que são desenvolvidas, atualmente, não contribuem o suficiente para o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas.*

Em muitos aspectos há uma proximidade de interesses entre alunos e professores, porém não se compreende por que alguns professores se distanciam do que é possível de se realizar em sala de aula quando se deparam com pouco recurso didático-tecnológico.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento deste trabalho confirmou-se a relação existente entre as *múltiplas linguagens* e as *habilidades comunicativas*. Baseada nos referenciais teóricos pesquisados, percebeu-se quão necessária se faz a presença de relações entre os diversos tipos de linguagem no contexto escolar para que a aprendizagem de língua estrangeira (Língua Inglesa e Língua Espanhola) ocorra de forma satisfatória, a fim de preparar os alunos para o futuro.

Ao mediar o conhecimento dos alunos, o professor pode fazer uso das múltiplas linguagens para introduzir diversos conteúdos a partir do desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas. Também, quando ocorre interação entre o mundo social, no qual os alunos estão inseridos, com as aulas de língua estrangeira, os alunos dão mais valor ao que lhes é ensinado, pois aprendem a partir de diferentes atividades propostas pelo professor, passando, assim, a gostar mais da disciplina.

Salienta-se que, neste trabalho, os alunos não foram testados quanto ao seu desempenho nas *quatro habilidades comunicativas*, a fim de incentivar as *múltiplas linguagens*, mas foi realizada a coleta de informações por meio de questionários e entrevistas. Ressalta-se, também, que os alunos de espanhol entrevistados não tiveram a disciplina no Ensino Fundamental. Sendo esse aspecto o que levou a pesquisa a ser realizada no Ensino Médio, compreende-se ser um pouco difícil de comparar o ensino dessas duas línguas em níveis diferentes de ensino, porém intentou-se realizar apenas características comuns entre o ensino dessas línguas com a finalidade de apresentar parâmetros quanto às atividades realizadas em sala de aula pelos professores, apontando o que tem e não tem sido trabalhado de forma motivadora nas aulas de língua estrangeira. Dessa forma, entende-se que o presente trabalho teve sucesso ao que se propôs, servindo como um ponto de partida para o que se pretende melhorar no ensino de língua estrangeira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio Regular.

Referências

ANDRADE, Patrícia; PASSOS, Daniele; REJANE, Márcia. **Como a linguística explica a linguagem da criança**. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=387&rv=Literatura>>. Publicado em: 01 out. 2008. Acesso em 22 out. 2008.

BRASIL, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

EBERT, SÍntia Lúcia Fae. **A aquisição da linguagem: uma reflexão da teoria de Vygotsky**. Disponível em: <HTTP://aletra-rs.com.br/Artigos_Sintia.pdf>. Acesso em 30 out. 2008.

GARCIA, Regina Leite. Múltiplas linguagens na vida - porque não múltiplas linguagens na escola? p. 7-16. In: Garcia, Regina Leite (org). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Sobre as várias inteligências**. São Paulo: Nova Escola, setembro 1997.

_____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. **Mentes que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas ideias e as dos outros**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MEURER, Ir. César. Comunicação e resultados: o que funciona para o quê? **Revista Interação**, Porto Alegre, n. 103, maio. 2009. Canal Aberto, p. 54.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Ana Maria da; GAFFURI, Pricila; MENEGASSI, Renilson José. “Leitura e pré-leitura na sala de aula do Ensino Fundamental”. Artigo publicado nos **Anais do I Congresso Nacional de Linguagem em Interação**. Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 18 a 21 de outubro de 2006. Disponível em: <<http://www.escrita.uem.br/escrita/pdf/amsilva.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido em: 07/02/2013

Aceito em: 28/05/2013

